

# A HOMOLOGIA ENTRE O PENSAMENTO DO INTELLECTO E OS INTELIGÍVEIS: A ABORDAGEM DE PLOTINO NO TRATADO V.3[49] E UM DIÁLOGO POSSÍVEL COM EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO

*THE HOMOLOGY BETWEEN THE THINKING OF THE INTELLECT AND THE INTELLIGIBLES: PLOTINUS' APPROACH IN TREATISE V.3 [49] AND A POSSIBLE DIALOGUE WITH EMPEDOCLES*

*Robert Brenner Barreto da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Em seu tratado sobre a hipóstase cognitiva (V.3), Plotino tem por objeto de investigação a fundamentação do autoconhecimento do Intellecto (*Nous*) como garantia da empresa ontoepistemológica. No capítulo inaugural, ele retoma uma discussão proposta por Sexto Empírico segundo a qual o autoconhecimento não seria possível se este ocorrer por uma parte que conhece outra. Assim, a natureza daquele que conhece deve ser a mesma daquele que é conhecido para que se viabilize o autopensamento. A mesmidade de ser e pensar – expressa nesse pressuposto – é um legado de Parmênides a Plotino, o que é amplamente reconhecido. A elaboração homológica que vincula o Intellecto aos Inteligíveis parece ser o caminho perseguido por Plotino para lidar com a problemática do autoconhecimento. Não se costuma enfatizar, entretanto, o possível diálogo dessa articulação homológica de Plotino com Empédocles. Segundo Oosthout (1995), Gollnick (2005) e outros estudos, ela pode estar associada à concepção de Empédocles concernente à percepção (DK 31. fr. B109). O intento desse trabalho é argumentar em favor da relevância da homologia no contexto noético de Plotino e apontar uma linha de raciocínio segundo a qual Empédocles teria exercido influência no que se refere ao desenvolvimento do supracitado recurso.

**Palavras-chave:** Homologia. Intellecto. Plotino. Percepção. Empédocles.

**Abstract:** In his treatise on cognitive hypostasis (V.3), Plotinus object of investigation is to ground the intellect's self-knowledge (*Nous*) as a guarantee to the ontoepistemological enterprise. In the first chapter, he returns to the discussion proposed by Sextus Empiricus according to which self-knowledge would not be possible if it would guide by a part that knows another part. Thus, the nature of the one who knows must be the same as the one who is known for self-thinking to become viable. The identity of being and thinking - expressed in this assumption - is a legacy of Parmenides to Plotinus, what is recognized for many scholars. The homological elaboration that links the Intellect to the Intelligible seems to be the path pursued by Plotinus to deal with the problem of self-knowledge. However, it is not usual to emphasize the possible dialogue between Plotinus's homological articulation and that of Empedocles. For Oosthout (1995), Gollnick (2005) and for other interpreters, this articulation could be associated to Empedocles' conception regarding perception (DK 31. fr. B109). The purpose of this work is to argue in favor of the homology's relevance in Plotinus's noetic thought and to show a line of reasoning according to which Empedocles would have influenced the way Plotinus developed the aforementioned idea.

**Keywords:** Homology. Intellect. Plotinus. Perception. Empedocles.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia (UFCE). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail: [roberttxplus@gmail.com](mailto:roberttxplus@gmail.com). ORCID: 0000-0002-7156-0932.

## **Introdução ao tema e delimitação da abordagem**

O fragmento a partir do qual se reflete sobre a possibilidade da teoria da percepção de Empédocles de Agrigento (495- 430 a.C) ter influenciado de alguma forma a maneira complexa com que Plotino (205-270 d.C) formulou a relação entre Intelecto e Inteligíveis, é o seguinte: “vemos, pois, a terra pela terra, e pela água a água, pelo ar o divino ar; já pelo fogo, o fogo destruidor, e pelo amor o amor, e ainda o ódio pelo triste ódio” (DK 31 fr.B109, *DA* I.2,404b10-15)<sup>2</sup>. A percepção do semelhante pelo semelhante atribuída a Empédocles costuma ser assim designada em função desse excerto. A formulação de Plotino, por sua vez, segue os respectivos termos: “Pois aquilo que se diz que pensa a si mesmo porque é composto, simplesmente porque pensa os outros com um de seus constituintes, assim como na sensibilidade poderíamos captar nossa [...] natureza corpórea, não teria verdadeira autointelecção” (V.3[49] 1, 6-10)<sup>3</sup>.

A existência da remissão a Empédocles nas *Enéadas* é consensual, vide Stamatellos (2007, p.1, tradução nossa): "ao longo das *Enéadas*, Plotino se refere por nome a Empédocles cinco vezes". O vínculo exegetico mencionado se refere a citações diretas, mas há inúmeras passagens que contêm alusões de Plotino a Empédocles (cf. STAMATELLOS, 2007, pp.186-187). Esses dados acenam para o fato de que Plotino detinha conhecimento geral sobre o pensamento do pré-socrático. Não obstante, deve-se indagar se a ocorrência de V.3 faz parte do elenco de possíveis relações entre os

---

<sup>2</sup> A sigla “DK” se refere à obra de Diels & Kranz (1952), que é o estudo de referência sobre os “pré-socráticos”, sendo que tanto esta *magnum opus* quanto o rótulo ora atribuído aos filósofos são produtos do século XIX, o qual foi marcado pelo avivamento das pesquisas sobre os fragmentos. A *Die Fragmente der Vorsokratiker* divide seu estudo em três grupos distinguidos pelas letras “A”, “B” e “C”. Na primeira, expõem-se elementos atinentes à vida e obra dos filósofos conforme foram relatados por outros autores, isto é, os testemunhos; na segunda, são coletadas as citações de trechos que se atribuem ter pertencido às obras dos pré-socráticos, ou seja, os textos preservados propriamente ditos, os fragmentos. Na terceira, faz-se a recomposição de fragmentos considerados incertos, imitativos ou frutos de paráfrase de autores da antiguidade sobre o que teriam pensado os “pré-socráticos” (cf. ROSSETI, 2006, p.187). O trabalho documental realizado, na falta de textos disponíveis diretamente escritos pelos filósofos em análise, ensejou reunir as opiniões (doxografia) de autores que escreveram sobre os pré-socráticos; assim como compilar o que seriam citações dos filósofos cujos textos foram perdidos, mas possivelmente lidos por aqueles que os citam. Tendo essas notas em mente, portanto, pode-se dizer que o excerto referenciado se trata de um fragmento, que é retirado do *Sobre a Alma* de Aristóteles, sendo “DA” a referência ao latim “*De Anima*”, cuja leitura se dará conforme tradução portuguesa (cf. LÓIO, 2010). Na respectiva edição (DK), cada filósofo recebeu uma seção própria, sendo Empédocles o autor “31”. Logo, DK 31 B 109 se refere a um texto de Empédocles (31), tendo por base um fragmento (B), catalogado na posição (109).

<sup>3</sup> A citação das *Enéadas* de Plotino (do grego “*ennéa*”), seis conjuntos de nove tratados, conforme editadas e organizadas por seu discípulo Porfírio, segue a citação clássica (Cf. ROSSETI, 2006, p.177) em que através da sucessão dos algarismos romanos e indo-arábicos, respectivamente se assinala o grupo de *Enéadas* (I a VI), a posição sistemática do tratado no grupo (1 a 9), a ordem cronológica (1 a 54), capítulo e intervalo entre linhas. Para facilitar o acesso ao tratado no corpo do texto, utiliza-se a tradução em língua portuguesa (Cf. GOLLNICK, 2005).

filósofos e de que maneira a aproximação seria viável. De antemão, é imprescindível explicitar que a natureza desse exercício interpretativo é hipotética, até mesmo devido às características próprias aos textos dos pré-socráticos, as quais pressupõem a recomposição feita por outros autores. Ou seja, torna-se praticamente indistinguível, por exemplo, o que teria sido a contribuição original do “pré-socrático” e o que interpretara aquele que o cita. Nesse sentido, é pertinente a seguinte advertência sobre a fragilidade do uso das fontes textuais pré-socráticas:

[...] a maior parte dos textos dos filósofos pré-socráticos foi perdida, tendo sobrado pouquíssimos fragmentos (o que trouxe dificuldades importantes no que tange a sua interpretação) conservados por variados autores, o que nos torna reféns das doxografias, biografias etc., que servem de instrumento para que possamos reconstruir, na medida do possível, os elementos fundamentais das doutrinas professadas pelos primeiros filósofos [...] (HOBUSS, 2014, p.25).

No caso, o fragmento faz referência à citação de Aristóteles a Empédocles, sendo este o parâmetro doxográfico de que dispõe o intérprete para indagar o texto, o qual, como fora apresentado, é constituído por poucas linhas. Por isso, trata-se de apontar um diálogo “possível” entre a conceituação desenvolvida por Plotino e aquela que de algum modo o teria influenciado: a da teoria da percepção de Empédocles. Não é coerente, portanto, asseverar nenhuma posição como sendo unívoca sobre esse assunto. Entrementes, pelo espelhamento dos textos e pela reflexão a respeito deles, espera-se apontar para a pertinência do referido diálogo conceitual.

O que está posto em ambos os autores é que apenas o semelhante consegue captar a si, pois o dissemelhante capta outro distinto de si. Figuradamente, a água não percebe o fogo e vice-versa. Ao passo que a sensação não pode apreender o pensamento. A paridade entre órgãos de sentido e o que é percebido ou entre a faculdade de pensar e o que é pensado faz que se torne pedagógico o uso de “homologia” para aproximar os textos dos filósofos em estudo, haja vista o seu campo de sentido: "Em geometria denominam-se homólogos os elementos de duas figuras semelhantes que se correspondem. Em biologia são chamados homólogos os órgãos que se correspondem pela sua situação em relação ao organismo [...]" (ABBAGNANO, 2007, p.517).

Embora a compreensão técnica sobre "homologia" venha ter sua formulação mais bem delineada a partir dos estoicos, o que se dá à posteriori a Empédocles, a comunicação, a analogia ou a paridade entre o que percebe e o que é percebido é um traço compreensivo importante para a reflexão de Empédocles, conforme A. Long discorre após citar Bignone:

“Não há nenhuma oposição entre a consciência do homem e a consciência do universo; ambas são formas de uma mesma realidade”. É a comunicação, que tem a sua analogia mais próxima na teoria estóica da *ὁμολογία* [homologia], que constitui a base da teoria de Empédocles do pensamento (LONG, 1966, p.272, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Logo, a articulação dessas ideias pode ser entendida como um raciocínio de ordem homológica cuja importância para esses autores, em particular para Plotino, pretende ser demonstrada. Em um segundo plano, almeja-se investigar a plausibilidade da abordagem plotiniana ter sido influenciada pela de Empédocles. A fim de viabilizar o atingimento desses objetivos, deve-se contextualizar o fragmento de Empédocles dentro de seus contornos cosmológicos, de modo a melhor distinguir o seu horizonte compreensivo. Assim, faz-se oportuna a introdução panorâmica de suas ideias para que se possa com acuidade, em seguida, analisar a passagem do tratado de Plotino. Na pista deixada por alguns intérpretes, o presente estudo intenta destacar a importância da homologia para o pensamento noético de Plotino e argumentar a favor da influência de Empédocles sobre o licolopolitano, através de dois expedientes: em razão da semelhança textual e em função da similaridade teórica com a qual as questões são tecidas por eles.

A exposição do pensamento de Plotino irá se concentrar no primeiro capítulo por ele ser considerado o *locus* da seção que remete a Empédocles e também por nele estar condensado uma série de passos argumentativos que se prenunciam na reflexão sobre o estatuto do autoconhecimento, se ele seria simples ou composto e qual o caminho para lidar com o problema de uma parte não poder conhecer a outra, conforme fora questionado por Sexto Empírico<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “Bignone says: "There is no opposition between the consciousness of man and the consciousness of the universe; they are both forms of the same reality." It is this communication, which has its closest analogy in the Stoic theory of *ὁμολογία*, which forms the basis of Empedocles' theory of thinking”.

<sup>5</sup> Cf. *Contra os Lógicos*, I, 310-311; V.3[49] 1.

## **Empédocles de Agrigento**

Empédocles é considerado um filósofo pluralista por que, diferente de pensadores de outras escolas da antiguidade, não resumiu sua explicação da natureza a um único princípio (*arché*), como o fez, por exemplo, Tales de Mileto que pensou a água como princípio elementar da *physis*. Para Empédocles, em vez de água (Tales de Mileto), ar (Anaxímenes), fogo (Heráclito), tem-se uma conjunção de princípios (*archai*), quais sejam: as raízes ou elementos, nomeadamente terra, água, fogo e ar. Há dois mecanismos ou forças que tornam possíveis tanto a aproximação quanto o afastamento das raízes em relação umas às outras, quais sejam: o amor e o ódio.

Nesse sentido, o filósofo propõe uma explicação da dinâmica natural a partir de forças de agregação (amor, *στοργή*) e desagregação (ódio, *νείκος*) pelas quais as raízes (*ρίζωματα*) ou elementos se misturam (*μιζις*), se separam e se recompõe (*διαλαζις*). De modo que, no interior dessa inter-relação entre as raízes, não há geração nem destruição, mas apenas rearranjos. Esse modelo cosmológico serve, então, de contexto para a teoria da percepção, na medida em que o semelhante capta o semelhante por que há elementos comuns na natureza. Se a realidade natural é constituída das mesmas raízes das quais também é constituído o homem, pode-se dizer que, no que toca ao que é comum a elas, haverá uma relação de reciprocidade. Os eflúvios (*απόρροια*) são captados pelos poros (*πόροι*) por que, em última instância, eles são constituídos pelas mesmas raízes e poderes ou mecanismos (*δύναμις*) provenientes do amor e do ódio. Sobre a teoria da percepção de Empédocles, Oosthout (1991, p.77, tradução nossa) afirma: “de acordo com esta teoria, a percepção é possível apenas se o órgão sensitivo e o objeto da percepção contêm elementos materiais idênticos”<sup>6</sup>. É o que se infere do fr. B109.

Tendo em vista o excerto ser abstraído da exposição de Aristóteles, não se pode ignorar a leitura que ele próprio fez do texto citado. Vide:

Todos os que, por um lado, tiveram em vista o facto de o ser animado se mover supuseram, pois, que a alma é aquilo que é mais capaz de mover. Já aqueles que, por outro lado, tiveram em vista o facto de o ser animado conhecer e perceber os entes disseram que a alma se identifica com os princípios: se consideram muitos, identificam-na com todos; se apenas um, identificam-na com esse. É o caso de Empédocles. Afirmou ele que a alma é composta de todos os

---

<sup>6</sup> “According to this theory, perception is possible only if the sense-organ and the object of perception contain identical material elements”.

elementos e que cada um deles é alma [...]. (ARISTÓTELES, DA I.2,404b7-15, trad. LÓIO, 2010).

Em linhas gerais, Aristóteles situa o excerto de Empédocles a partir de pelo menos dois pressupostos metodológicos: a investigação sobre a alma e a consideração identitativa de percepção e pensamento, o que está relacionado à captação do semelhante pelo semelhante. A esse respeito, Long assevera: “Aristóteles diz que Empédocles identificou pensamento e percepção, uma vez que Empédocles considera ambos como processos corpóreos que procedem da captação do semelhante pelo semelhante” (LONG, 1966, p.259, tradução nossa)<sup>7</sup>. Enquanto o segundo aspecto é aceite pelo que se tem aqui desenvolvido, o primeiro se reveste de certa dificuldade.

Tendo em vista o propósito de o trabalho estar concentrado na recepção de Plotino do texto atribuído a Empédocles, não se levará em conta as inúmeras nuances concernentes às possibilidades de interpretação da teoria da percepção. No vácuo de exploração desse interessante tema, remeto o leitor à pesquisa de Long, que empreendeu uma análise cuidadosa dos fragmentos, tecendo críticas, por exemplo, ao modo como Aristóteles situa o pensamento do agrigentino. Da rica exposição aludida, destaca-se:

A priori, não há nenhuma razão por que Empédocles deveria ter explanado a senso-percepção e o pensamento com referência à alma. Aristóteles (De An. 404b9) cita Empédocles como um filósofo que teria feito isso. Entretanto, como observa Hicks, Aristóteles mal interpreta a teoria, uma vez que ele diz que Empédocles sustenta que cada um dos seis elementos<sup>8</sup> é idêntico à alma. Essas várias especulações de Aristóteles torna ainda mais improvável que Empédocles tenha oferecido qualquer definição de uma alma responsável pela percepção e cognição. Aristóteles presumivelmente teve acesso completo aos poemas, e não encontrando nenhuma afirmação procedente sobre a alma, suplementa o que ele considera uma deficiência de Empédocles. Contudo, Empédocles não tem nenhuma necessidade desse tipo de conceito (LONG, 1966, p.257, tradução nossa)<sup>9</sup>.

A despeito das vicissitudes a partir das quais o fragmento de Empédocles é contextualizado por Aristóteles no “*De Anima*”, pode-se supor como pressuposto interpretativo a ideia de que o agrigentino busca parrear percepção e percebido. Assim, entende-se a relevância da homologia ou a captação do semelhante pelo semelhante em

---

<sup>7</sup> “Aristotle says that Empedocles identified thinking and perception 'since he (Empedocles) regards both as bodily processes which proceed from the recognition of like by like’.”

<sup>8</sup> Aqui amor e ódio se somam a terra, água, fogo e ar.

<sup>9</sup> Para preservar a economia do texto, optei por, nesse caso, suprimir o texto inglês.

Empédocles, na medida em que cumpre função importante de oferecer uma teoria da percepção possivelmente coerente com os contornos cosmológicos esboçados. Embora o recurso textual a esse autor seja os fragmentos, portanto não se deve esperar a propositura de doutrinas ou grandes sistemas, pode-se vislumbrar uma leitura compatibilista entre o modo como a percepção ocorre e a natureza pluralista da natureza expressa pela agregação e desagregação das raízes.

### **A importância da homologia entre Intelecto e Inteligíveis à luz do problema do autoconhecimento e um diálogo possível entre Empédocles e Plotino**

Com intuito de dar primazia ao texto do próprio filósofo, é preciso voltar à atenção para o tratado de Plotino e apontar sinteticamente em qual contexto de sua exposição surge a necessidade de relacionar homologicamente Intelecto e Inteligíveis, o que, por sua vez, irá contribuir para discernir se no capítulo primeiro há um diálogo possível com Empédocles. O pilar de sua investigação pode ser apreendido do trecho:

Tem-se, então, que supor que algo simples pensa a si mesmo, e investigar tanto quanto possível, como faz isso, ou então abandonar a opinião de que algo realmente pense a si mesmo. Porém, abandonar essa opinião não é possível sem que muitos absurdos se sigam, pois mesmo que não atribuamos auto-intelecção à alma porque isto [não] seria absurdo, ainda assim seria absolutamente absurdo não atribuí-lo à natureza do Intelecto, e supor que ele tenha conhecimento de tudo o mais, mas não esteja num estado de conhecimento e compreensão de si mesmo (PLOTINO, V.3[49] 1,12-19, trad. GOLLNICK, 2005).

O autoconhecimento se apresenta como a chave de leitura, o que é percebido até com certa facilidade devido à força retórica imposta por Plotino nas expressões “tem-se”, “investigar tanto quanto possível”, “abandonar essa opinião” e “seria absurdo não atribuí-lo à natureza do Intelecto”. A urgência desse caminho filosófico do conhecimento de si se caracteriza ante a um problema que no capítulo inicial é apenas prenunciado: “aquilo que se diz que pensa a si mesmo porque é composto, simplesmente porque pensa os outros com um de seus constituintes, assim como na sensibilidade poderíamos captar nossa própria forma e o restante de nossa natureza corpórea, não teria verdadeira auto-intelecção” (V.3[49] 1, 6-10). Plotino está aqui retomando as objeções céticas de Sexto Empírico<sup>10</sup>, assumindo parte de suas críticas

---

<sup>10</sup> OOSTHOUT, 1991, p.77, tradução nossa: “Quando Plotino vai rejeitar a ideia de que o que pensa a si mesmo poderia ser composto, ele certamente segue a linha de pensamento de Sexto [Empírico] “[...]”

concernentes à impossibilidade de um autoconhecimento que se expresse em termos de uma parte que conhece outra. Plotino, entretanto, não pretende permanecer na aporia. Para compreender a referida problematização, leia-se Sexto Empírico:

Tem que ser apresentado que o pensamento não é sequer familiar consigo mesmo, como os filósofos dogmáticos sustentam. Pois, se o Intelecto apreende a si mesmo, será apreendido como um todo ou como parte, mas usando uma parte de si para isso. E não poderá apreender a si mesmo como um todo. Pois, se ele apreende a si mesmo como um todo, ele será como todo apreensão e apreendedor; mas, se ele é como um todo o apreendedor, não será mais qualquer coisa como um ser apreendido. Mas isso é o cúmulo da irracionalidade, pois há aquele que apreende, mas não há a coisa a ser apreendida (SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Lógicos*, I, 310-311, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Ao longo do tratado, Plotino irá fundamentar o autoconhecimento como essencialmente realizado pelo Intelecto. Para chegar a essa conclusão, ele distingue o pensamento racional ou discursivo (*dianoia*) do intelectual ou não-discursivo (*noesis*). É a opção citada de que “mesmo que não atribuamos auto-intelecção à alma porque isto [não] seria absurdo, ainda assim seria absolutamente absurdo não atribuí-lo à natureza do Intelecto” (V.3[49] 1,15-20). Transpor a exigência do autoconhecimento da razão para o Intelecto implica aceitar que nesse primeiro estado cognitivo a captação estaria limitada a uma parte que conhece outra, o que assimila parcialmente a objeção de Sexto Empírico, haja vista que o sujeito que conhece é distinto do objeto apreendido.

[...], se aquele elemento que pensou os outros que estavam com ele não pensou também a si mesmo, e não seria aquilo que estamos procurando – uma coisa que pensa a si mesma – mas uma coisa pensando outra (PLOTINO, V.3[49] 1, 9-12, trad. GOLLNICK, 2005).

Enquanto que, no Intelecto, tanto o que “pensa” quanto o que é “pensado” são de mesma natureza. Para lidar com o problema do autoconhecimento, conforme enunciado por Sexto Empírico, Plotino parece retomar um raciocínio pertencente à tradição, a qual,

---

when Plotinus goes on to reject the idea that what thinks itself could be compound, he certainly follows Sextus's line of thought”.

<sup>11</sup> BETT, 2005: "it has to be shown that thought is not even familiar with itself, as the dogmatic philosophers maintain. For if the intellect apprehends itself, either it will apprehend itself as a whole, or not as a whole, but by using some part of itself for this. And it could not apprehend itself as a whole. For if it apprehends itself as a whole, it will as a whole be apprehension and apprehender; but if it is, as a whole, the apprehender, there will no longer be anything as the thing being apprehended. But it is the height of irrationality for there to be the apprehender, but for there not to be the thing that the apprehension is of”.



por sua vez, remonta a Empédocles, qual seja: o de que o semelhante conhece o semelhante. Gollnick (2005, p.70) também se inclina a perceber dessa forma: “[...] o adágio, tão caro a Plotino, de que “somente o semelhante conhece o semelhante” (Empédocles B 109, Demócrito B 164).” Assim, sendo Intelecto e Inteligíveis de mesma natureza, não se poderá falar de partes, porém de uma dinâmica interior, isto é, interna ao pensamento, pela qual o Intelecto pensa os inteligíveis que são ele próprio. Ainda sobre a possível influência de Empédocles no tocante à formulação plotiniana de que possuem a mesma natureza aquele que conhece e o que é conhecido, é válido acompanhar a continuidade do movimento interpretativo acima aludido:

Em conformidade com esse adágio, em Plotino, apenas níveis correlatos de subjetividade e realidade têm uma relação de conhecimento. Podemos estabelecer, então, quatro pares de correlatos: a sensibilidade conhece o sensível, a razão conhece a forma racional, o Intelecto conhece o inteligível, e o Espírito amante percebe a Presença do Uno (GOLLNICK, 2005, pp.70-71).

Ou seja, cada instância epistemológica conhece o que lhe é respectivamente devida. A sensação o que é perceptível, a razão aquilo que é passível de raciocínio, o Intelecto o que é inteligível. Nesse sentido, subjacente à estrutura do argumento desenvolvido por Plotino para lidar com o problema do autoconhecimento, parece existir uma forte afinidade teórica com aquilo que se atribuiu a Empédocles como sendo sua teoria da percepção do semelhante pelo semelhante. Oosthout, tendo empreendido uma cuidadosa tradução do grego e um comentário detalhado da obra, corrobora essa linha de análise que se baseia no primeiro capítulo do tratado sobre a hipóstase cognitiva:

Ademais, o argumento de que a razão não será capaz de perceber o irracional sem ser ela mesma, pelo menos parcialmente, irracional, ecoa a teoria da percepção desenvolvida por Empédocles por volta do ano 500 a.C. De acordo com esta teoria, a percepção é possível apenas se o órgão sensitivo e o objeto da percepção contêm elementos materiais idênticos (OOSTHOUT, 1991, p.77, tradução nossa)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> "Furthermore, the argument that reason will not be able to perceive the irrational without being itself at least partially irrational, echoes the theory of perception developed by Empedocles about the year 500 B.C. According to this theory, perception is possible only if the sense-organ and the object of perception contain identical material elements".

*a) Não parece casual a proximidade terminológica textual entre Empédocles e Plotino*

O texto base de Plotino assevera o seguinte: “Pois aquilo que se diz que pensa a si mesmo porque é composto, simplesmente porque pensa os outros com um de seus constituintes, assim como na sensibilidade poderíamos captar nossa [...] natureza corpórea, não teria verdadeira autointelecção” (V.3[49] 1, 6-10). De maneira condensada, o excerto traz a tese de que o corpo não pode captar o pensamento, pois apenas o semelhante apreende o semelhante, conforme tem sido discutido. É necessário atentar para aspectos mais microscópicos dessas expressões, recorrendo ao grego, a fim de que a reflexão se aproxime de uma leitura mais plausível: “τὸ μὲν γὰρ διότι σύνθετον λεγόμενον νοεῖν ἑαυτό, ὅτι δὴ ἐνὶ τῶν ἐν αὐτῷ τὰ ἄλλα νοεῖ, ὥσπερ ἂν εἰ τῇ αἰσθήσει καταλαμβάνοιμεν αὐτῶν τὴν μορφήν καὶ τὴν ἄλλην τοῦ σώματος φύσιν, οὐκ ἂν ἔχοι τὸ ὡς ἀληθῶς νοεῖν αὐτό” (V.3[49] 1, 6-10).

Do fragmento de Empédocles “vemos, pois, a terra pela terra, e pela água a água, pelo ar o divino ar; já pelo fogo, o fogo destruidor, e pelo amor o amor, e ainda o ódio pelo triste ódio” (DK fr.B109, DA I.2,404b10-15), como há uma repetição lógica no uso de seus termos (vide o escalonamento de terra, água, ar, fogo, amor e ódio que visa a dar ênfase a sua ideia), basta atentar para a primeira construção: “γαίη μὲν γὰρ γαῖαν ὁπώπαμεν”. O termo “οπωπαμεν”, relacionado ao verbo “ver” (ὀράω), que possui caráter físico-perceptivo, aqui empregado pode ser objeto de paralelo com a expressão plotiniana “τοῦ σώματος φύσιν”, pois em ambos os casos se comparam modos distintos de captação, nos quais se pressupõe uma mesma natureza entre percipiente e percebido. Com relação a esse termo, é bastante elucidativo o estudo de Stanford:

Se nós tomarmos “ver” (οπώπαμεν) [οπωπαμεν] para designar senso-percepção, então a caracterização sugere que esse tipo de percepção se dá por semelhança dos elementos externos com os elementos internos. Logo, uma vez que as raízes e princípios do percipiente estão relacionados às raízes e aos princípios do objeto percebido, a passagem sugere que os elementos em um correspondem aos elementos no outro (KINGSLEY, 2020, tradução nossa).<sup>13</sup>

No caso de Plotino, a expressão que associa sensação (“τῇ αἰσθήσει”) com corpo (“σώματος φύσιν”), se relacionada ao pensamento, é frustrada, pois dessa maneira não

---

<sup>13</sup> “If we take “see” (οπώπαμεν) to mean sense perception, then this characterization suggests that such perception is by the likeness of external elements to internal elements. Then, since roots and principles in the perceiver are related to the roots and principles in the perceived object, the passage suggests that elements in one correspond to elements in the other”.

haveria verdadeiramente captação de si mesmo (“*οὐκ ἂν ἔχοι τὸ ὡς ἀληθῶς νοεῖν αὐτό*”). Ou seja, Plotino reafirma o princípio homológico então atribuído a Empédocles, uma vez que somente o Intelecto é capaz de captar o inteligível. Em outras palavras, apenas o semelhante capta o semelhante.

Além da semelhança dos textos gregos acima comparados, os quais refletem a captação a partir de uma terminologia de paridade física, contribui para uma leitura de que não é fortuita a remissão de Plotino a Empédocles a ocorrência dessa mesma formulação de V.3 em outro tratado, o que não passa despercebido da erudita tradução de Gerson<sup>14</sup> (2018, p.173, tradução nossa)<sup>15</sup>: “Pois se algo é conhecido por aquilo que é igual a ele, então o que é indefinido deve ser conhecido pelo que é indefinido” (II.4[12]10, 4-6). Se Gerson nessa passagem de II.4 recomenda a consulta a Empédocles, no trecho de V.3.1, que é objeto dessa breve investigação, ele também reconhece a vinculação entre Plotino e a teoria da percepção atribuída a Empédocles, mas se atém a indicar o *De Anima* de Aristóteles, do qual se retira o fragmento<sup>16</sup>.

*b) Há em ambos os autores uma abordagem filosófica comum*

A semelhança textual existente entre o fragmento de Empédocles e o trecho do tratado de Plotino introduz algo que recomenda a atenção do leitor, e isto está relacionado com a perspectiva teórica compartilhada entre eles sobre ser necessário que o semelhante capte seu semelhante. A aplicação do pensamento de Empédocles ao contexto de uma teoria da percepção, apontado como um possível diálogo com Plotino, tem a ver com uma longa tradição da qual Empédocles pode ser considerado um dos pioneiros. Reid alude para essa abordagem ao longo da história da filosofia:

A necessidade de uma conexão entre a mente que percebe e as coisas percebidas advêm de antigos princípios físicos como o de Demócrito [...], o mesmo é afirmado vagamente por todos os antigos fisiólogos (*φισικοι*), e por Empédocles em suas linhas “*γαίη μὲν γὰρ γαῖαν ὁπώπαμεν*” (REID, 2017, p.82, tradução nossa)<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> GERSON, 2018, p.173: “See Empedocles, 31 B 109 DK; [...]; Democritus, 68 B 164 DK”.

<sup>15</sup> Idem, p.173: “For if something is known by that which is the same as it, then what is indefinite must be known by what is indefinite”.

<sup>16</sup> GERSON, 2018, p.554: “See Sext. Emp., M. 7.283 287; 310 313 for the argument set out in full. Also, Ar., DA 3.4.429b9, 6.430b25 26”.

<sup>17</sup> “The necessity of a connection between the perceiving mind and the things perceived followed from old physical principles such as that of Democritus [...], the same is affirmed loosely of all the old *φισικοι*, and for Empedocles in his lines ‘*γαίη μὲν γὰρ γαῖαν ὁπώπαμεν*’ ”.

Esse raciocínio que aqui se convencionou chamar de homológico desemboca em uma distinção de empresas. Enquanto o pré-socrático se dedica particularmente à física e à cosmologia, sem prejuízo de outros níveis possíveis de compreensão, Plotino sublinha o projeto ontoepistemológico de sua filosofia. Nesse mesmo diapasão, considera Long sobre Empédocles: “Portanto, o pensamento é visto por Empédocles não como um processo puramente interno, mas como uma categoria da percepção, análogo em suas operações aos cinco sentidos” (LONG, 1966, p.272, tradução nossa)<sup>18</sup>. Assim como assevera Oosthout (1991, p.77, tradução nossa) sobre Plotino: “Plotino põe o problema em uma forma mais geral e abstrata, focando no pensamento e na reflexão, mais do que na senso-percepção.”<sup>19</sup>

### **Considerações Finais**

A importância da homologia entre “pensar” e “pensado” na fundamentação do autoconhecimento do Intelecto (*Nous*) de Plotino se mostrou ser parte integrante de sua argumentação, tendo em vista a necessidade de lidar com o problema de um autoconhecimento que não seria propriamente de si mesmo, mas de um conhecimento limitado de uma parte que conhece outra, conforme fora objetado por Sexto Empírico. Assim, ao postular que Intelecto e Inteligíveis possuem uma mesma essência (*ousía*), estabelece-se a natureza não composta do pensamento preservando a pluralidade pelos diferentes atos cognitivos que realiza o pensamento noético (*energeai*). Em razão tanto da proximidade textual quanto do mote filosófico de que parte Plotino (V.3[49] 1, 1-5; 6-12), pôde-se observar que é plausível associar sua elaboração homológica da que empreendeu Empédocles em sua teoria da percepção (DK 31 fr.B109, *DA* I.2,404b10-15), haja vista a adoção de um princípio metodológico comum aos autores segundo o qual a captação é produto de um processo cognitivo de paridade entre o que percebe e o que é percebido. Essa perspectiva filosófica é explanada através de um vocabulário técnico físico-perceptivo que também possui semelhanças entre o pré-socrático e o neoplatônico. Da articulação entre os autores, contudo, faz-se uma distinção relativa a Empédocles ter situado sua reflexão em um horizonte eminentemente cosmológico enquanto Plotino objetiva fundamentar a ontoepistemologia.

---

<sup>18</sup> “Thinking therefore is viewed by Empedocles not as a purely internal process but as a category of perception, analogous in its operations to the five senses”.

<sup>19</sup> “Plotinus poses the problem in a more general and abstract form, focusing on thought and reflection, rather than on sense-perception”.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Sobre a Alma (De Anima)*. Trad. Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin-Neukölln: Weidmannsche, 1952.
- HOBUSS, J. Introdução à História da Filosofia Antiga. Pelotas: NEPFIL online, 2014. 172 pp.
- LONG, A. A. (1966). *Thinking and Sense-Perception in Empedocles: Mysticism or Materialism*. *Classical Quarterly*, 16(2): 256–276.
- KINGSLEY, K. *Empedocles*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2020), E.Zalta (ed.). Disponível em :< <https://bityli.com/VL11g>>. Acesso: 20/08/2020.
- OOSTHOUT, Henri. *Modes of Knowledge and the Transcendental: An Introduction to Plotinus Ennead 5.3 with Commentary and Translation*. Amsterdam: B.R. Gruner, 1991.
- PLOTINO. *Sobre as Hipóstases que têm a Faculdade de Conhecer e sobre o Transcendente*. Trad. Silvania Gollnick. In: *Ontologia e conhecimento no V.3(49) de Plotino*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. pp.115-127.
- PLOTINUS. *The Enneads*. Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.
- REID, J. *The Academica of Cicero: The Text Revised and Explained*. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017. pp.146.
- ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: Premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho*. São Paulo: Paulus, 2006. 440p.
- STAMATELLOS, Giannis. *Plotinus and the presocratics: a philosophical study influences in Plotinus Enneads*. Albany: State University of New York, 2007.

*Recebido em: 31/08/2020*

*Aprovado em: 10/12/2020*